

## “ENCARNADO VEM DE DENTRO, DAS VÍSCERAS”: ENTREVISTA COM TEKA POTIGUARA E MARLÚCIA POTIGUARA



**Figura 2:** *Sabedoria ancestral*. Colagem digital de Sara Oliveira a partir de materiais cedidos por Teka e Marlúcia Potiguara e conteúdos de acesso livre na internet.

# “Encarnado vem de dentro, das Vísceras”: Entrevista Com Teka Potiguara E Marlúcia Potiguara<sup>1</sup>

Entrevistadoras:

Ana Gretel Echazú Böschemeier<sup>2</sup>

Jocyete Ferreira Marinheiro<sup>3</sup>

Maria Angélica Fontão<sup>4</sup>

Rosamaria Giatti Carneiro<sup>5</sup>

## O VIR-A-SER DE DUAS MULHERES INDÍGENAS

Teka Potiguara (Teresinha Pereira da Silva) e Marlúcia Potiguara (Maria Silva Sampaio) são mulheres do povo potiguara e vivem na Terra Indígena Serra das Matas, um arquipélago de 36 aldeias. As aldeias se encontram localizadas no município de Monsenhor Tabosa, estado do Ceará. Teka nasceu em 1951 e Dona Marlúcia em 1974, elas têm 70 e 47 anos,

---

<sup>1</sup> **Transcrição:** Jocyete Marinheiro. **Edição e revisão de texto:** Rosamaria Giatti Carneiro, Ana Gretel Echazú Böschemeier, Jocyete Marinheiro e Maria Angélica Fontão. **Revisão do Tupi/Nheengatu:** Diego Bruno Oliveira de Andrade, Akanguasu. Diego Bruno Oliveira de Andrade, Akanguasu. Cofundador do *Okarusu Pytã* (grupo de estudos de idiomas indígenas); Licenciado em Sociologia no curso de Ciências Sociais da UFRN; Professor de Tupi Antigo e Sociologia na aldeia Amarelão, na Escola Estadual Indígena Professor Francisco Silva do Nascimento, em João Câmara; Coautor do livro *Mikûatiamirĩ*: pequeno livro sobre saberes linguísticos do Povo Mendonça Potiguara; Arte-educador e pesquisador no Sítio Histórico e Ecológico Gamboa do Jaguaribe. E-mail: [akanguasu@hotmail.com](mailto:akanguasu@hotmail.com). **Nota sobre a edição:** No intuito de fazer com que o material da entrevista se tornasse mais fluido à leitura, as marcas da oralidade foram parcialmente retiradas do texto. A versão final do texto foi revisada pelas entrevistadas. **Nota sobre o Nheengatu:** também conhecido como *língua geral amazônica* ou *Tupi moderno*, é uma língua revitalizada pelo movimento Potiguatapuaia do Ceará e na qual foram entoados as poesias sonoras performadas nessa entrevista.

<sup>2</sup> Ana Gretel Echazú Böschemeier é mãe, feminista, professora adjunta do Departamento de Antropologia/PPGAS/UFRN, tradutora no Projeto ReCânone/UFRN e pesquisadora do CNPQ. Faz parte da rede *Feminismos, Cultura y Poder*, é embaixadora do Movimento *Parent in Science*, integra a comissão avaliadora do *II Ciclo de Ações Antirracistas* da UNESCO/UNTREF e o Comitê Central de Ética em Pesquisa da UFRN. Atua nas áreas de Pluralismo Epistêmico, Direitos Humanos, Interseccionalidades, Feminismos do Sul, Descolonização, Ética e Saúde Coletiva. Email: [gretigre@gmail.com](mailto:gretigre@gmail.com)

<sup>3</sup> Jocyete Ferreira Marinheiro é atriz, poetisa, militante, moradora de São Gonçalo do Amarante/RN, Graduada em Ciências Sociais bacharelado/UFRN e voluntária no projeto de pesquisa Cuidados e Acesso à Educação em Tempos de Necropolítica: Etnografias e Itinerários de Estudantes Universitários da UFRN. Email: [jocyetemarinheiro@gmail.com](mailto:jocyetemarinheiro@gmail.com).

<sup>4</sup> Maria Angélica é mãe, feminista e servidora pública da carreira de Desenvolvimento de Políticas Sociais. Graduada em Ciências Sociais/Antropologia pela Unicamp, possui especializações em Relações Internacionais e em Políticas Públicas e Gestão Participativa em Saúde pela UNB. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Estudos Comparados sobre as Américas do Departamento de Estudos Latinoamericanos da UNB. E-mail: [mangelicafontao@gmail.com](mailto:mangelicafontao@gmail.com)

<sup>5</sup> Rosamaria Giatti Carneiro é mãe, feminista, antropóloga, professora associada no Departamento de Saúde Coletiva da UnB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas também da UnB. É co-coordenadora do laboratório de pesquisa CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva da UnB). Coordenou o Projeto de Extensão “Mulheres latinas fazerm arte” na Universidade de Brasília. Pesquisa e se interessa pelo campo dos direitos sexuais e reprodutivos, políticas públicas, maternagem, movimentos de mulheres e leituras femininas das Américas. Email: [rosacarneiro@unb.br](mailto:rosacarneiro@unb.br)

respectivamente. Pertencem a gerações diferentes que participam juntas do movimento Potiguatapua e têm vivências e interpretações próprias da mobilização e da luta das mulheres indígenas. Essa entrevista foi realizada no ano de 2021, através de uma plataforma de comunicação a distância<sup>6</sup>. As narrativas de seus itinerários nos informam sobre a “genealogia encarnada” de mulheres de luta que não se reconhecem explicitamente como “feministas”, mas que lutam pelos direitos indígenas e reivindicam a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

**Entrevistadoras:** Quando foi que vocês se reconheceram como “mulheres indígenas” e como “lideranças”? Teve algum acontecimento que marcou essa percepção?

**Dona Teka:** Vou começar como curumim indígena, porque eu já nasci sendo indígena. Eu sou Teka, sou da etnia Potiguara. Sou Potiguara. Moro aqui na aldeia Mundo Novo, que no tupi “Iasé piasu pé”, quer dizer Mundo Novo. Eu nasci no Cepo de Parir com parteiras. Naquela época, ninguém sabia o que queria dizer médico e nem nada, é a parteira mesmo. E aí, na região, nós temos bastantes parteiras. Aí, a pessoa ia buscar a parteira para pegar as crianças...

**Dona Marlúcia:** A parteira era uma terceira mãe!

**Dona Teka:** Eu sou nascida de parteira. E o cepo onde eu nasci, está no nosso museu aqui. Nós temos o museu das coisas sagradas. E nesse cepo não foi só eu que nasci. Foi toda a comunidade aqui que nasceu no cepo de parir através de parteira. E aí, eu fui crescendo, minha mãe e meu pai me chamavam de *Kurumi kunhã*. Eu pensava que era português. Eu não sabia de nada! E aí, eu fui crescendo e sabendo dessas duas línguas: português e o tupi, pensando que era português também. Aí, o tempo foi passando; aqui nessa aldeia a gente até hoje vive de sistema de troca.

---

<sup>6</sup> A entrevista foi realizada em dois momentos e de forma virtual pela plataforma Google Meet. O primeiro encontro foi no dia 09/06/2021 das 17 às 18.40 e o segundo encontro, no dia 06/08/2021, das 15 às 16.10 horas.



**Figura 3:** Cepo de Parir. Fotografia cedida por Dona Teka Potiguara.

## **REDE É PARA NASCER E MORRER, EM CASA E SADIO**

**Entrevistadoras:** Vocês poderiam nos contar mais coisas sobre o tempo de antes? Como vocês nasceram, cresceram, viraram as lideranças que são hoje?

**Dona Marlúcia:** No tempo de antes, rede era para nascer e morrer. Morrer em casa é morrer sadio.

**Dona Teka:** Na antropologia o pessoal fala “sistema de troca”: a gente vivia disso e até hoje todo mundo tem a roça comunitária e todo dia na época de limpar. E aqui todo mundo tem sua roça limpa através do mutirão. Isso é uma coisa que para nós é muito sagrada. A outra situação é a questão das mortes. A gente enterrava os nossos mortos aqui dentro. Depois, quando chegou a cidade que é no nome de “Telha” e hoje é Monsenhor Tabosa, aí o pessoal começou a enterrar no cemitério da cidade, mas até hoje nós temos o cemitério dos pertences. Quer dizer que quando eu morrer, o meu corpo vai para o cemitério da cidade, mas a minha roupa, tudo, vai para um cemitério que fica aqui dentro. Porque ninguém veste a roupa de quem morreu, porque os espíritos estão também na roupa, segundo a nossa tradição. Mais

tarde, aqui dentro mesmo, eu aprendi a falar, aprendi a caminhar. Me eduquei no mundo da vida. Quando vim me educar no mundo da letra, já fazia muito tempo que eu era educada no mundo da vida. E aqui passa por quatro instâncias: Casa, família, economia e espiritualidade, sabe? Essa é a nossa educação, que é o mundo da nossa vida. Não adianta eu ter o comer, ter a comida hoje na minha casa, se meu vizinho aqui da aldeia não tem. Não existe isso para nós! Todo mundo aqui almoça e janta, quando todo mundo tem. E isso na cabeça da gente não existe! Também, dentro da minha casa, se eu não quero que ninguém coma as coisas que está pra mim comer amanhã, eu não deixo em cima da mesa. Deixou banana, batata, seja o que for em cima da mesa, está dizendo que quem chega pode pegar e comer. Isso é nosso, sabe? Ninguém pode dizer nada, porque está em cima da mesa. Às vezes é porque a gente quer, às vezes é porque eu me esqueci de esconder, sabe? (risos) Aí, quando a pessoa chega, o jeito é ela comer o que eu não tirei da mesa. Então, isso foi o meu mundo. Minha criação foi nesse sistema.



**Figura 4:** Rede usada habitualmente pela pessoa e que a acompanha no seu enterro. Fotografia cedida por Dona Marlúcia Potiguara

## TRÂNSITOS ENTRE MUNDOS

**Entrevistadoras:** E como foi depois?

**Dona Teka:** Minhas primas que eram mais velhas começaram a me ensinar o ABC, a alfabetização. Aí, foi até a quarta série. Da quinta até o ensino do oitavo ano, eu fui para a cidade estudar. E aí, foi que eu entrei no mundo do conflito, porque na cidade eu não sabia se chamava “kunjã”, para mulher, “mi” para milho... que é a linguagem do português, mas não é o português correto. Com isso, o pessoal dizia que meu português era português de feira, de porta de feira, não sabia falar. E aí eu vou ficar muito discriminada. Aí, a pergunta: Por ser mulher. A questão da mulher. Sou mulher, sou indígena. Do ponto de vista de dinheiro, eu sou pobre. Do ponto de vista de cultura, eu sou altamente rica. Somos todo mundo rico aqui. Ponto de vista da cultura. Dinheiro não sei nenhuma banda no banco. Mas, e aí então vem a questão do preconceito. Eu, Terezinha Pereira da Silva, que sofre preconceito por ser indígena, preconceito por ser mulher e preconceito por ser pobre. Três tipos de preconceito que me guiou a vida todinha quando entrei em contato com não indígenas. E aí, é outro conflito, que é dizer: Eu falava “mi”, “muié”, “dish”, kunjã. Vermelho era encarnado, porque aqui a pessoa chama encarnado para vermelho. Para nós o vermelho é "encarnado", vem da carne de bode, quando mata um animal, a parte de dentro fica assim.

Quando cheguei, eles me repreendiam na escola, lá na cidade. Quando chegava aqui na aldeia, a minha mãe: “Ei, kunjã! Vai pegar “mi” pra... pra pisar, pra nós fazer mungunzá.” Ou então, a palavra encarnado. Aí, eu dizia: “Mamãe não, não é “mi” não. É milho.”, “não, não é encarnado não, é vermelho”, Minha mãe dizia: “eu te criei chamando mi, muié, kunjã, encarnado. Tu entende o quê que eu tô dizendo?” Eu disse: “entendo”. “Pois, crie vergonha! Kunjã sem vergonha! Senão não deixa mais você ir para a cidade. Você não tá aprendendo não! Você tá se destruindo, desaprendendo, o que você aprendeu com tanto carinho que nós ensinamos.” Aí, é um conflito. O que é que eu vou fazer nessa situação?! Na escola meu português é errado, na aldeia também o meu português é errado. Fui vivendo com essa questão muito difícil.

## SOBRE GENEALOGIAS

**Entrevistadoras:** Marlúcia, conte-nos também em que momento você começou a se reconhecer como uma mulher indígena? Aconteceu uma coisa assim, forte na sua vida que tenha marcado?



**Dona Marlúcia:** Eu também fui pega por uma parteira. Hoje, ela já faleceu e ainda é parente da minha mãe, porque todo mundo aqui no movimento indígena são do mesmo parentesco. Todas as aldeias têm uma mistura de potiguara com tabajara, porque se casava com primo, e aí essa nossa [árvore] genealógica das famílias, ela é muito importante! Na aldeia Jacinto, eu já tenho até uma apostila com a árvore genealógica... É uma árvore muito bonita, sabe? No Mundo Novo também. Quando a gente nasce, já nasce indígena, só não era identificado. Só que quando teve um tempo, eu não lembro... não sei se a Teka lembra uma demarcação de pequenos fazendeiros nas aldeias que nos ameaçaram. E aí, todo mundo rejeitou com medo, aconteceu até roubo das placas. Todo mundo assustou. Eu estava no Mundo Novo. Eu, mulher sozinha andando de aldeia por aldeia, enfrentando este mundo e o povo: “Mulher, tu não vai só!”, aí eu disse: “vou! VOU!”. Aí assim, esse momento, é um momento muito marcante. Nós, como lideranças, temos enfrentado a vida e até hoje estamos na luta. Isso aí foi muito marcante! De lá pra cá, a gente vem vindo e vê que as mulheres são mulheres guerreiras, sabe? Que tem força de lutar!

## **MULHERES INDÍGENAS, MUITO QUE ENFRENTAR**

**Entrevistadoras:** Segundo a sua opinião, qual é o papel das mulheres dentro do movimento indígena?

**Dona Marlúcia:** Nós, mulher que mora na aldeia, nós vivemos assim... em momentos, da gente ter um medo de enfrentar a vida porque as mulheres, como a Teresa já disse, tem o preconceito dos brancos, o preconceito de lutar, o preconceito porque a gente vive correndo mundo afora atrás da sobrevivência para a aldeia. Quem é do lado branco, nem todo mundo, mas alguns têm o pensamento de que nós, mulheres, queremos enfrentar o mundo envolvente, né? E nós não para. Nós continuamos na luta! E isso aí, é uma coisa forte! Assim, enfraquece, mas ao mesmo tempo na luta, os nossos espíritos e os espíritos dos antepassados faz com que a gente lute cada dia. E isso tudo é uma fraqueza que acontece, né? Com as mulheres, porque tem momento que é difícil, mas aí com a luta, a vontade que a gente tem, enfrentamos muito! E aí desse momento para cá, eu me achei como se eu pudesse! Que veio um espírito e me disse: “Daqui para frente vai enfrentar a vida... pelo seu povo! E a gente não pode nem um minuto enfraquecer! Mesmo que tenha o que acontecer, mas nós tem que viver e tem que lutar pelo nosso povo.”

Nós temos uma equipe de mulheres que coordena. É o movimento Potigatapuia e a força repassa de um para outro. Uma complementa as outras. Porque isso aí é um pacto que nós

tem, que nós tem até o local sagrado das mangueiras que nós fazemos nossos rituais e nós precisamos ter nosso ritual, porque se nós não tiver... a coisa enfraquece. Então, lá é onde nós reivindicamos todo o nosso, a nossa demanda de cada dia. Como por exemplo: Nós fizemos uma cozinha comunitária. Quem fez? Nós mulheres. Fizemos uma cozinha linda debaixo das mangueiras, porque nós não tínhamos um local para as festas, a gente estava lá, fazendo comida. Porque pra onde nós vamos, como as aldeias ficam muito distantes, nós precisamos de comida. Aí a gente faz comida, as aldeias cada um traz um pouco. Como é no mundo lá fora, chama os passeios, para a praia para tudo, nós estamos na mata. Nós temos nossos passeios, aí isso tudo fortifica cada vez mais. Vamos dando uns passos à frente e nós fomos conseguindo. Nós já fizemos até duas disciplinas na Fortaleza, eu e a Teka, dentro da universidade. A gente, assim, passava por muito momento difícil, porque nós sabíamos um pouco, mas nós ainda tínhamos muito medo de viajar. Nós íamos para Fortaleza e não conhecíamos ninguém. Para pegar ônibus, tudo era dificultoso! Sai daqui da aldeia, mas apesar do momento que a gente chega na cidade grande, passamos muita dificuldade. Para onde nós vamos, mesmo sabendo ler, porque às vezes o povo tem um ditado “Quem sabe ler não se perde”, mas o medo é grande demais! Mas, ainda tenho medo...assim, da gente ainda... não enfrentar tudo o que é possível. Na escola, eu aprendi o mundo da letra, mas o mundo da vida mesmo, aprendi com a minha família. Por isso, digo que tenho uma perna na vida e a outra na letra e mais na frente, precisei muito da letra para poder me defender e lutar pela Terra.

## O MOVIMENTO POTIGATAPUIA

**Entrevistadoras:** Vocês podem nos contar mais sobre o movimento Potigatapuia, como ele nasceu, quais são as reivindicações principais desse movimento?

**Dona Teka:** Potigatapuia, ele nasceu em 2002 quando nós estávamos organizando o museu. As peças do museu. Somos quatro povos: Potiguara, Tabajara, Gavião e Tubiba Tapuia, dentro desse território. Nós pegamos uma sílaba de cada nome, de cada etnia e virou a palavra Potigatapuia. “Poti” de potiguara, “Ta” de tabajara, o “Ga” de gavião e o tapuia do tapuia. É a junção dos quatro povos dentro do movimento Potigatapuia. Todo mundo se identifica. (...) Nós temos três grupos de mulheres. Mucunã que é no Jacinto, Espírito Santo é as Kunhã Kuité e da Boa Vista, da Gavião, é outro grupo de mulher. De homem é aqui no Mundo Novo, que é os caceteiros. Temos quatro grupos de dança. O caceteiro é só de homem. Nós estamos criando um grupo de mulheres *caceteiro* também aqui.



**Marlúcia:** Esses quatro grupos são a partilha do movimento Potigatapuia, a partilha que nós temos com estes quatro grupos. Cada evento que nós fazemos, eles estão ajudando na espiritualidade. A espiritualidade para que dê força ao movimento. Nos quatro grupos, eles colaboram nos rituais sagrados do batizado. Nós fazemos batizados, nos rituais de casamento, quando tem alguma das aldeias com dificuldade, quando nós tem evento de política, que nós também somos políticas, nós mulheres. Quando temos um planejamento, nós estamos no ritual da partilha. Todas as vezes que nós se junta, o movimento Potigatapuia, tem que tá o ritual dos quatro grupos juntos pra poder nós avançar, porque com ele, a força ainda se torna maior.



**Figura 5:** Paisagem da Serra das Matas, no Ceará. Fotografia cedida por Dona Marlúcia Potiguara

## **“NÓS BUSCAMOS NOSSOS DIREITOS”**

**Entrevistadoras:** Vocês acham que existe um feminismo indígena?

**Dona Teka:** Eu acho que existe e é forte. Só que às vezes, pode ser que a gente chama por outro nome, às vezes a gente faz o papel de feminismo, mas com outro nome. Até porque, não sei o que quer dizer feminismo mesmo. Às vezes, eu não respondo, porque realmente eu não sei o que é o feminismo. Que é mesmo feminismo? Se forem coisas que nós buscamos, nossos direitos, tem demais. Se for na área da saúde, tem demais. Se for na área da demarcação da Terra, foi nós que... principalmente nós, mulheres que conseguimos. Se for na área do não desmatamento, nem das queimadas... também somos nós que estamos no meio. Se for na área da medicina de tradição, medicina tradicional. As árvores da medicina em extinção também nós estamos metidas no meio. Se for também na área da política, a política partidária, também nós. Conseguimos colocar um vereador indígena e por isso nós temos três leis. Aí, nós mesmos escrevemos as leis, encaminhamos para câmara dos vereadores para ser aprovada. A primeira aprovação foi a aprovação dos quatro povos: Potiguara, Tabajara, Gavião e Tubiba Tapuia, porque uma vez sendo aprovada também na Câmara dos vereadores, dá mais sustentabilidade para a gente do ponto de vista cultural. A outra, outra aprovação foi exatamente as nomenclaturas. Dessas trinta e seis aldeias, cada uma tem o nome que foi aprovado também na Câmara e sancionado pelo prefeito. E por último, nos reunimos e organizamos a língua Co-oficial que levamos na Câmara com o nosso vereador e foi aprovada por unanimidade, e hoje nós temos duas línguas no município Monsenhor Tabosa: Português e a língua Tupi.

## **“MULHER NÃO É LUGAR DE RECEBER ESPERMA”: O APOIO ENTRE MULHERES**

**Entrevistadoras:** Podem nos contar como se dá esse apoio entre mulheres?

**Dona Teka:** Macho não passa por cima de nós não, sabe? De jeito nenhum! Se quiser andar é lado a lado, sabe? Mas, por cima de jeito nenhum! E quando tem uma mulher que é casada, que está com dificuldades, lá fala para a gente, o grupo. Temos um grupo interno e a gente tenta ajudar. Por exemplo, eu tenho uma sobrinha que está tendo dificuldade de relacionamento com o marido dela e a gente não quer fazer ninguém largar, não. Mas, o que

foi que nós fizemos: Ela passou quatro dias aqui na minha casa e deixou ele lá, sozinho mais os filhos. Ela está louca para que ele saia de dentro da aldeia. Ele é índio, mas não é potiguara, ele é tabajara. De outra aldeia, que casou e não tá se dando, sabe? A gente dá suporte às outras mulheres.

Mulher não é lugar de só receber esperma, não! A mulher tem cabeça para pensar, sabe? E coração para amar quem ela queira, também. Aí, isso também, a gente ajuda as outras mulheres. Dentro do nosso grupo tem muitas mulheres casadas, bem casadas, mas tem muitas largadas do marido. Tem muitas que têm filhos sem marido, como eu, e assim sucessivamente. A gente vai vivendo, vai se equilibrando e colocando a nossa vida indígena. Nós somos mulher, mulher diferente. “Atrás de cada homem tem uma mulher”... não é isso, não! Ou está do lado, ou então, então ele vá pra baixa da égua! Por que o homem tem que ser o dono da verdade? Então, isso aí, até nós. Nos nossos cursos, nas nossas histórias a gente faz isso. O homem tem que ser dono da verdade não, tem que ser companheiro. Se não der para ser companheiro, a gente fica só. Mas, eu não sei se é... se isso faz parte de feminismo não, sabe? Porque, realmente, não entendi ainda a palavra feminista.

**Dona Marlúcia:** Só o homem que tinha direito antigamente e agora distorceu toda a conversa. Assim, ainda acontece muito do homem que comanda mais em casa, mas a maioria das mulheres que trabalham. Então, elas têm direito agora de fazer o que elas querem. Muitos homens tinham ciúmes das mulheres. Tinha mulher que não podia vestir roupa curta, porque os homens já ficavam com ciúme. Mas, a mulher deu a volta por cima e diz: “Agora é minha vez!” Às vezes não era para comprar um celular porque estava falando com os outros machos. Compra um celular e aí vai falar porque quer, porque é obrigação de cada pessoa ter um celular (...) Essas pessoas mais antigas, aqui da aldeia, não usam o celular, porque não querem, mas essas mais novas usam. Porque o consumismo faz com quê... e também o trabalho que hoje em dia é tudo pela internet. Mas se fosse depender dos homens, não era para a mulher ter essas coisas não. A mulher já anda de moto, já sai com seus filhos, que não era nem para sair de casa. E assim, do jeito que Tereza (Dona Teka) falou do Mundo Novo, acontece em todas as aldeias. Mas também, não deixa de, aqui e acolá, a mulher botar um “chifrizinho” nos maridos também, sabe? Nós também somos danada! (Dona Marlúcia e Dona Teka gargalham)

Aqui dentro do nosso movimento, mesmo no meio de trinta/quarenta, tem uma que é danada, mas nós acha bom! Achamos bom quando bota, sabe? Porque às vezes, tem um marido “véi besta”. Ora, quanto tem um marido véi besta, que fica só no rabo da saia da mulher, aqui

acolá, nós acha bom, que aí fica o comentário dentro da comunidade. Porque, a mulher sofre demais, chega um momento que não dá! Chega num momento que ela tem que fazer de qualquer maneira pra poder sair e ainda não sai. Ela é quem trabalha, ela quem é a sofredora, ela quem é tudo! Aí tem que ser a parceria. O homem tem que ajudar um pouco e às vezes, tem filho que tem uns pais que são muito antigos. Aqui, na nossa aldeia, se fosse mesmo pra esse pessoal mais novo viver do jeito do povo de antigamente.... Mas só que não dá! Que o mundo que nós vivemos tem algumas coisas que não dá para ser da mesma forma de antigamente. Porque os trabalhos agora são poucos nesse tempo de pandemia que ninguém sai da aldeia, mas aí, cada um, é cada um. Cada um é diferente um do outro e aí, a gente sempre partilha. Então, nós temos um grupo aqui na aldeia, que a gente sempre tá orientando uns aos outros. Mesmo que não seja 100%, mas o pouquinho que as pessoas entenderem vai ajudar, vai complementando. Aí, mais alguma coisa se tiver dúvida vamos indo.

## PERFORMANCES SONORAS EM NHEENGATU

**Entrevistadoras:** Já estamos chegando no final da nossa entrevista. Muito obrigada! Gostariam de colocar mais alguma coisa?

**Dona Teka:** Agora vou cantar minha música e a Marluce das Mucunã. A minha música é a música da Terra, que para mim, a maior expressão que pode existir no mundo se chama um território para nós indígenas. Não tem uma expressão mais sagrada do que eu ficar aqui em cima dessa Terra aqui, aqui na comunidade do Mundo Novo e olhar esse mundo de terra que tem aí, né? Então, para mim é uma expressão sagradíssima e também a língua. Por isso que a música é assim<sup>7</sup>:

A terra já é nossa!  
A língua também é!  
Gavião do pé do morro,  
Potiguara, Tupã sy.  
Abápe, abá supé<sup>5</sup>  
Momopé, abyasy  
Kunhatã, kunhã kuné  
Potiguara Tupã sy  
Potiguara, Tabajara, Gavião  
Gavião do pé do morro

---

<sup>7</sup> Todas as músicas cantadas na entrevista são de autoria de Dona Teka.

<sup>5</sup> *A terra indígena já é nossa/ Uma caminhada, também é nossa mãe/ Mulher bonita, mulher que luta/Nós, Deus e a Mãe/ Terminou!*

Potiguara, Tupã sy  
I kanhi!

**Dona Marlúcia:** Eu vou cantar agora.

Atravessei a mata para dançar as mucunã  
Atravessei as mata pra dançar as mucunã  
Mangueira lugar sagrado  
Eu me encontro com Deus Tupã  
Mangueira lugar sagrado  
Eu me encontro com pai Tupã  
Eu sou potigatapuia, sou guerreira, sou kunhã  
Eu sou potigatapuia, sou guerreira, sou kunhã  
Salve o índio brasileiro e a dança das mucunã  
Salve o índio brasileiro e a dança das mucunã  
Eu sou tapuia, sou gavião sou tabajara, sou potyguara  
eu sou índio potigatapuia  
eu sou índio potigatapuia  
sou liderança, sou caçador, sou rezador, sou professor  
eu sou índio lutador  
eu sou índio lutador  
sou potyguara, sou do sertão, sou caceteiro  
comedor de camarão, comedor de camarão  
onde tem mocó<sup>6</sup>, tem rouxinol  
tem também preá e tamanduá  
misturado com gambá  
misturado com gambá

**Dona Teka:** Deixa eu cantar [mais] uma música bem curtinha pra vocês pra dar muita força, coragem, sabedoria, inteligência, cada vez mais seja... agora eu sei o que é uma feminista, pra cada vez mais vocês serem mulheres feministas, deem com a volta por cima e cada vez mais por cima e nos ajude. Porque, vocês sabem de umas coisas e nós sabemos de outras. Vamos misturar nossa sabedoria que nós vamos longe!

Mitú Tupã<sup>8</sup>  
Ybakawá  
Oré abá  
Taba porã  
Sibi kobé  
Sibi kobé

---

<sup>8</sup> *Deus do céu/Céu e terra/Nós indígenas estamos cantando/ Na aldeia bonita/Que protege a gente/Que protege a gente/Mãe boa/Nós indígenas estamos cantando/Na aldeia bonita/Terminou, pai Tupã!*

Oré katu  
Oré abá  
Taba porã  
I kanhi pai Tupã

\*\*\*\*\*

## **“Encarnado vem de dentro, das Vísceras”: Entrevista Com Teka Potiguara E Marlúcia Potiguara**

### **Resumo:**

Essa entrevista tem por objetivo difundir as genealogias de si e os pensamentos encarnados de duas mulheres indígenas, trazendo seus olhares e modos de existência para a discussão político-epistemológica dos feminismos encarnados. Para isso, decidimos entrevistar duas lideranças femininas do Movimento Potiguarapuia/Ceará, que fazem parte de gerações diferentes, a fim de escutá-las sobre o seu existir e devires enquanto que mulheres indígenas dentro das aldeias e fora delas. Assim, Dona Teka Potiguara e Dona Marlúcia Potiguara recuperaram suas trajetórias de infância, vida na aldeia, leituras de mundo sobre o nascer, o morrer e o cuidar, trânsitos para a cidade, estudos e relações sociais. Também ouvimos-as trazer para o diálogo as particularidades das suas interseções com outros movimentos de mulheres partilhando seus sentipensamentos sobre território, pertencimento, espiritualidade e sobre como a ancestralidade lhes oferece uma genealogia encarnada, que “vem de dentro”, é “vermelha” e provém da “carne”. Quatro mulheres universitárias e um jovem indígena estudioso do Tupi/Nheengatu participaram no processo da entrevista, por isso a identificação individual de cada um/a não aparecerá no corpo da mesma.

**Palavras-chave:** mulheres indígenas; movimento indígena; movimento de mulheres; Ceará.

## **"Incarnate comes from within, from the Viscera": Interview With Teka Potiguara And Marlúcia Potiguara**

### **Abstract:**

This interview aims to disseminate the genealogies of self and the embodied thoughts of two Indigenous women, bringing their looks and ways of existence to the political-epistemological discussion of embodied feminisms. For this, we interviewed two female leaders of the Potiguarapuia Movement/Ceará, who are part of different generations, in order to listen to them about their existence and becoming as Indigenous women inside and outside the villages. Thus, Dona Teka Potiguara and Dona Marlúcia Potiguara recovered their childhood trajectories, life in the village, world readings on being born, dying, and caring, transits to the city, studies, and social relations. We also heard them bring into the dialogue the particularities of their intersections with other women's movements, sharing their thoughts about territory, belonging, spirituality, and about how ancestry offers them an embodied genealogy that “comes from within” is “red” and comes from “flesh”. We were four university women and a young Indigenous Tupi/Nheengatu scholar involved in the interview process, so our identification will not appear in the body of the interview.

**Keywords:** indigenous women; indigenous movement; women's movement; Ceará.

## **"Encarnado viene de dentro, de las Vísceras": Entrevista con Teka Potiguara y Marlúcia Potiguara**

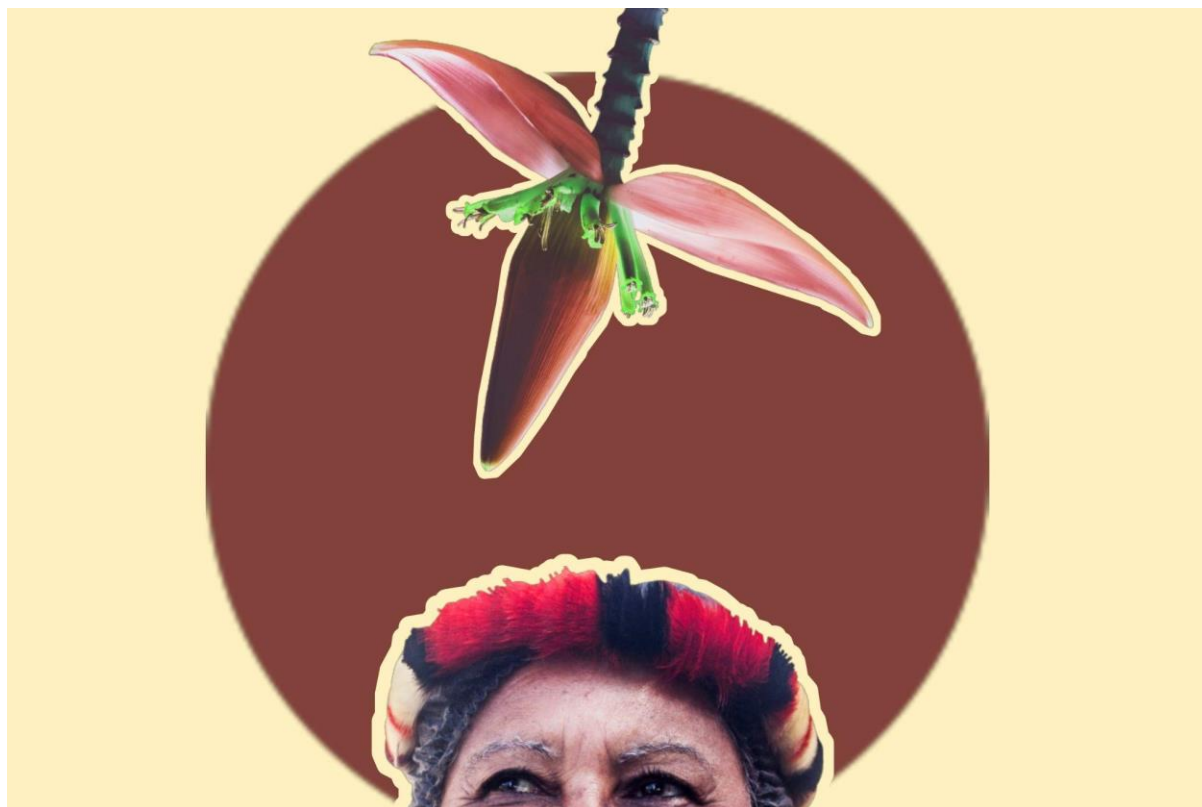
### **Resumen:**

Esta entrevista pretende difundir las genealogías del yo y los pensamientos encarnados de dos mujeres indígenas, aportando sus miradas y formas de existencia a la discusión político-epistemológica de los feminismos encarnados. Para ello, decidimos entrevistar a dos líderes femeninas del Movimiento Potiguarapuia/Ceará, que pertenecen a diferentes generaciones, para escucharlas sobre su existencia y su devenir como mujeres indígenas dentro y fuera de las aldeas. Así, doña Teka Potiguara y doña Marlúcia Potiguara recuperaron sus trayectorias infantiles, la vida en el pueblo, las lecturas del mundo sobre el nacimiento, la muerte y el cuidado, los tránsitos a la ciudad, los estudios y las relaciones sociales. También las escuchamos aportar al diálogo las particularidades de sus intersecciones con otros movimientos de mujeres, compartiendo sus reflexiones sobre el territorio, la pertenencia, la espiritualidad y sobre cómo la ancestralidad les ofrece una genealogía encarnada, que “viene de dentro”, es “roja” y pertenece a la “carne”. Cuatro mujeres universitarias y



un joven indígena Tupi/Nheengatu participaron en el proceso de la entrevista, por lo que las identificaciones individuales no aparecerán en el cuerpo de la misma.

**Palabras clave:** mujeres indígenas; movimiento indígena; movimiento de mujeres; Ceará.



**Figura 6:** *Dona Teka*. Sara Oliveira. Colagem digital, 2021.





**Figura 7:** *Terra indígena*. Sara Oliveira. Colagem digital, 2021.